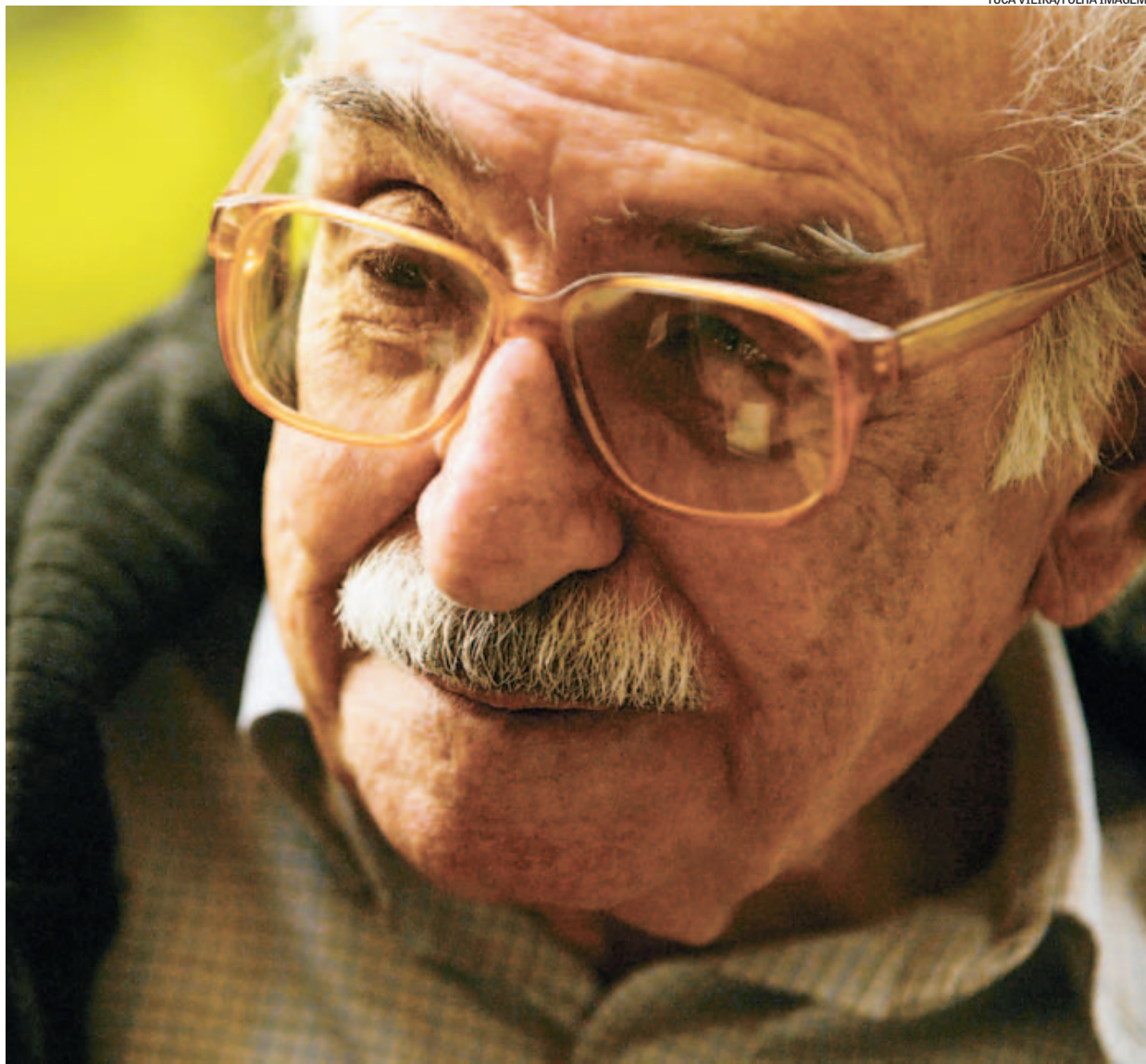




TUCA VIEIRA/FOLHA IMAGEM

A voz peculiar do poeta: "Agora, dentro da solidão das minhas palavras andam caracóis que fazem confusão comigo. Criaram raízes em minhas palavras e andamos juntos nestas origens"

Admite Manoel que sempre foi tido “como um parvo”. Nunca teve medo nem da ignorância nem da tolice. Ao contrário: sempre as valorizou e nelas se amparou. Ainda agora, quando o mundo o espreme em um deserto, reafirma sua crença. Vê-se, sempre, entre “Profetas, tontos, crianças e poetas”. As quatro definições — e não apenas “poeta”, como costumamos preferir — lhe caem, na verdade, muito bem. Ato extremo de coragem intelectual. E mais ainda: de nervos capazes de capturar o que só os poetas verdadeiros enfrentam.

Conta-me Martha que seu pai leva a mesma rotina simples de sempre. Na verdade: cada vez mais simples. Ainda escreve, com abnegação, todos os dias. Ainda lê todos os dias. Nisso, nada mudou: o mundo o machuca, mas ele se conserva inteiro. Acorda cedo, escreve ou lê durante toda a manhã e lá pelas 11 horas interrompe o trabalho e toma uma sagrada dose de uísque. Almoça com calma. Dorme um pouco, não muito. Às 15 horas, se levanta para ler o jornal.

"Meu pai gosta de falar bobagem e conversar com gente simples e criança. Fica muito só, por gosto", conta a filha, Martha

Abre as correspondências. Faz tudo muito lentamente, mas com grande concentração. Manoel, o poeta das pequenas coisas, das miudezas, dos dejetos, sabe valorizar cada uma das coisas que a vida ainda lhe dá.

Não gosta de computadores. É a filha Martha quem recebe os e-mails, depois faz uma triagem delicada antes de imprimir e

lhe passar. É ela, ainda, quem cuida de sua correspondência. Martha é separada. Tem três filhos e três netos. Mora no Rio, no Leblon, mas está sempre em Campo Grande para sustentar a rotina do pai. No escritório, não tem muito trabalho: a correspondência de Manoel, hoje, é pequena. Sua vida está reduzida ao essencial.

Também as leituras de Manoel são muito escolhidas. Relê os clássicos que o influenciaram — em particular, Antônio Vieira. Anda a reler Clarice Lispector. Mas que não se imagine um homem circunspecto e “profundo”. Manoel sabe que as delícias e riquezas do mundo estão na superfície, bem à mostra, na nossa cara. É só inventar uma maneira nova para observá-las. Diz Martha: “Meu pai gosta de falar bobagem e conversar com gente simples e criança. Fica muito só, por gosto. Assiste a novelas, gosta de futebol e acompanha os noticiários”. Enfim: sob o manto de palavras assombrosas, um homem comum, cada vez mais comum.

Martha é pintora e tem uma parceria criativa com o pai. “Trabalhamos juntos em alguns livros (as iluminuras) que têm mais a ver com um casamento de afinidade poética do que com ilustração”. É assim: Manoel sempre reage, ou não reage, por afinidade, ou falta de afinidade. É um homem espontâneo, continua a ser, apesar do presente doloroso. Desde que ficou doente, o filho Pedro está internado em sua casa, com atendimento 24 horas. A sombra do filho perdido há quatro anos, João, ainda o ronda. Conclui Martha, confrontando-me com o real: “Portanto, não há como ele falar do presente, é muito difícil”.

Volto a reler a carta-resposta de Manoel. Fala das origens, tenta explicar o “divino absurdo”, engrandece a infância. Está sempre em fuga do comum ou, como diz, em busca de “pura inocência para desver o certo”. Manoel: poeta do erro. Erro que não é defeito, mas transformação. Um sapo com olhar de garça. A bunda do vento, que só tem o lado de fora. Um homem que abraça a ignorância. Caracóis enrolados em palavras, o formato severo do silêncio, tardes que correm atrás de cachorros. Erros, desvios, improbabilidades, inexistências que a poesia de Manoel, no entanto, leva a existir.

Um mundo despedaçado, em fragmentos, peças soltas que não se encaixam e, quando se encaixam, não formam sentido algum. Resta a alegria das palavras. A alegria de ser poeta. “Eu queria era mudar a feição das coisas”, ele me diz. Transformar, distorcer, experimentar, revelar. O tempo todo, Manoel me diz a mesma coisa: só a poesia dá conta do presente. ■

VISUAIS

Bienal em NY superestima performances

Whitney Biennial tenta ser descolada, mas confunde público Por **Lance Esplund**, da Bloomberg, de Nova York

A Whitney Biennial 2012 [que acontece até 27/5 em Nova York] não é maravilhosa e nem mesmo muito boa (poderá até se mostrar um desastre), mas isso não importa. Enquanto as cortinas não fecharem, será um evento em andamento. Desta vez, uma parte incomumente grande é dedicada a obras temporais como performances, dança, teatro, música, cinema e instalações. Na pré-estreia para a imprensa, passei alguns minutos observando a performance de Sarah Michelson, um balé-rodéio com música alta e uma mulher esfregando o chão, enquanto uma pessoa vestida de cavalo trota em volta da mulher.

Reunindo obras de apenas 51 artistas, “2012” é relativamente pequena, dispersa e incoerente. Ela apresenta uma série de suscetibilidades, de esculturas de Cameron Crawford e fotografias de Liz Deschenes à desordenada e intrigante instalação de um conjunto de suportes com bonecos de animais, do artista performático Tom Thayer. Nas esculturas sintéticas diminutas de Matt Hoyt, que lembram pedras e conchas, o show é intimista. A projeção di-

gital do cineasta Werner Herzog casa o artista holandês do século XVII Hercules Segers com a música do holandês contemporâneo Ernst Reijseger. Aqui, a exibição beira o comovente. Especialmente bom é o terno filme “Meek’s Cutoff” (2010), de Kelly Richards, uma parábola em que pioneiros enfrentam as planícies do Oregon.

Esta bienal tenta ser descolada, diversificada, multicultural e multidimensional. A maior parte das obras é ruim — especialmente as que acenam para a “tradição”. Por exemplo, temos uma falsa sensação de rigor nas pinturas de limites definidos de Andrew Masullo, e nos irreverentes monotipos figurativos de Nicole Eisenman. E esta bienal é tão voltada para as performances que passa a sensação de que o processo está recebendo mais importância que o produto acabado.

Em texto no catálogo, o diretor da Whitney, Adam Weinberg, reconhece que “entre o público em geral, que procura objetos com uma maior frequência, haverá mais frustração e uma certa confusão”. Ele acha que “as pessoas precisam fazer várias visitas para ter uma noção do que está acontecendo ali”. Se

you quiser ver um museu como uma sala de cinema ou teatro — ou como circo ou zoológico — é só observar a performance/montagem “THIS COULD BE SOMETHING IF I LET IT”, de Dawn Kasper, uma exibicionista pilha de lixo que vira estúdio de trabalho.

Outro artista também trabalha em local apertado. O presidiário nº 89637-132, Leonard Peltier, está representado em uma instalação de Joanna Malinowska. Peltier é um indígena americano que está na prisão desde 1977 por assassinato em primeiro grau

de dois agentes do FBI. Malinowska incluiu as pinturas de Peltier — com búfalos em disparada e cavalos — porque, segundo ela, “eu não investiguei o assunto, mas acho que provavelmente a presença dos indígenas americanos no Whitney Museum é muito pequena...”. Embora representem algumas das piores obras da “2012”, seus quadros parecem em casa como parte do “zeitgeist”. Peltier pode ser um assassino, mas pelo menos ele é sincero. Se saísse da prisão amanhã, Peltier poderia se tornar um astro. *(Tradução de Mario Zamarian)* ■



WHITNEY MUSEUM OF AMERICAN ART

"Turning (live mix) with Antony and the Johnsons" (2004), de Charles Atlas

